

## POR QUE TEMOS MEDO DE OFENDER ISLÂMICOS?

Cristopher Hitchens

**Extraído da revista Época**  
09/08/2007 - Edição nº 481

O site on faith (sobre fé) dedicou a semana passada a uma discussão sobre o islã. Como sempre, houve uma busca por versões “moderadas” dessa fé antes mesmo de a discussão começar. Se eu fosse muçulmano, essa seria a parte mais “ofensiva”. Por que eu deveria provar que minha crença mais profunda é compatível com moderação? Um muçulmano só precisa afirmar que existe um só Deus e que Maomé foi seu profeta, trazendo as palavras finais de Deus para a humanidade. Dessa forma, a crença islâmica é radical desde o início.

Nenhum ser humano pode afirmar com certeza que Deus existe. Está ainda mais além da capacidade cognitiva de qualquer pessoa afirmar sem problemas que o senhor da criação disse suas palavras definitivas a um mercador analfabeto na Arábia do século VII. Quem alardeia acontecimentos fantásticos por definição não tem idéia do que diz (e isso inclui quem afirma que Moisés abriu o Mar Vermelho ou que uma virgem ficou grávida).

Por que, então, deveríamos ser obrigados a “respeitar” os que insistem que só eles sabem algo que não se pode saber? E que, ainda por cima, pode se transformar em permissão para matar? Como de vez em quando desafio a propaganda islâmica publicamente, ouço que teria “insultado 1,5 bilhão de muçulmanos”. Há um tom de ameaça nessa afirmação. Não acho que Maomé tenha feito uma “viagem noturna” a Jerusalém em um cavalo alado. E não importa que 10 bilhões de pessoas digam o contrário. Mas uma ameaça real de violência está por trás da exigência dos muçulmanos por “respeito”.

Um estudante da Pace University, em Nova York, foi preso por crime de ódio porque jogou fora um Alcorão. Nada me causa mais repulsa que maltratar livros. Mas, se eu quiser cuspir sobre uma cópia dos escritos de Ayn Rand, Karl Marx ou James Joyce, é problema meu. Quando entro em um quarto de hotel e jogo pela janela a cópia não-solicitada da Bíblia ou do Livro dos Mórmons, não estou infringindo a lei, exceto talvez em relação ao lixo. Por que fazemos essa distinção para o Alcorão? Por medo. Porque os fanáticos por esse livro provaram mais de uma vez que falam sério quando o assunto é intimidação.

O incidente na Pace University é ainda mais absurdo se lembrarmos que os islâmicos são os atuais líderes no campeonato mundial de queima de livros. Depois dos rumores de que um Alcorão teria sido jogado na privada em Guantánamo, uma turba queimou uma biblioteca antiga no Afeganistão onde (como observou secamente o presidente Hamid Karzai) havia cópias antigas do mesmo livro. Não satisfeitos com incendiar cópias dos Versos Satânicos, linchadores islâmicos pediram que o autor, Salman Rushdie, também fosse queimado. Muitos autores, muçulmanos ou não, estão mortos ou escondidos por escrever sobre afirmações inacreditáveis do islã. E é para aplacar esse fanatismo que um estudante de Nova York foi preso.

É preciso acabar com isso. Quando vamos ver alguém ser preso por defender que livros sejam queimados em nome de Deus? Se a polícia realmente estiver interessada, posso ajudar a identificar pessoas que fizeram ameaças físicas contra a publicação nos Estados Unidos de umas charges dinamarquesas.

É comum dizer que a oposição ao jihadismo só aumenta o recrutamento. Se for verdade, funciona para os dois lados. Que tal lembrar aos islâmicos que sua política na Caxemira fez com que 1 bilhão de hindus se transformassem em inimigos?

Os inimigos da intolerância não podem ser tolerantes ou neutros sem fazer um convite ao próprio suicídio. Os que fazem apologia do fanatismo, da censura e do assassinato suicida não podem se abrigar sob a sombra do pluralismo que estão abertamente tentando destruir.